

É PRECISO CAMINHAR PARA FAZER O CAMINHO

Arcângelo da Silva Ferreira (UEA/BRASIL)⁹⁰

<https://orcid.org/0000-0002-0061-0410>

Entardecer de sábado. Setembro de 2024, cidade de Parintins-AM.

Chega às mãos das pessoas leitoras uma coletânea organizada por jovens pesquisadoras e pesquisadores, composta de sete capítulos, fruto e produto das reflexões realizadas a partir das demandas do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Amazonas, mais especificamente relativas às Disciplina: Seminário de métodos e técnicas de pesquisa em Ciências Humanas & Epistemologia de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, ocorridas no primeiro e no segundo semestre de 2023, ministradas pelo Professor Alfredo Wagner.

O título da coletânea chama a atenção: *Interdisciplinaridade dos saberes: o conhecimento circular como estratégia de uma ciência anticolonial*. Propõem-se aqui a relação dialógica entre saberes. Diversos são os objetos de interesse das pesquisas, inscritas neste livro: o corpo, a moda, o benzimento, a fotografia, a identidade cultural e étnica, os marginalizados, a peculiaridade da produção do conhecimento científico. Tecendo esta conversa intertextual, na perspectiva de suscitar indagações às pessoas que se porão a ler estas páginas, está implícita uma provocação epistemológica: um giro à contrapelo dos padrões da ordem científica vigente. Tipo aquele das rodas de candomblé, no sentido anti-horário.

É mesmo preciso caminhar para fazer o caminho.

A escolha feita por esses jovens, assim, é insurreta. A estratégia da produção de um *conhecimento circular* tem, por sinal, relação com uma matriz originária nos povos tradicionais *Bantu*.⁹¹ Estes que se educam através

90. Doutor em História Social da Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Prof. Dr. na Faculdade de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

91. A palavra *Bantu* abarca Angola (País da costa ocidental da África) e Congo (País localizado na região centro-oeste da África). Matriz africana, trazida no contexto da escravidão

das “bibliotecas naturais”. Por meio deste caminhar, as pesquisadoras e os pesquisadores desta coletânea propõem, pelo menos, questionamentos à lógica do pensamento ocidental, portanto, colonial. Reinventar, assim, o cotidiano da produção de saberes, por meio de objetivos, nem que sejam os mais imediatos, elaborados nas vivências e experiências desde jovens acadêmicos, desde uma Universidade localizada na Amazônia. Também noviça, se comparada às Universidades brasileiras e sul-americanas, por exemplo. A despeito do título da coletânea, podemos afirmar, que foi com este propósito que os capítulos foram elaborados. Senão vejamos, adiante.

No primeiro capítulo, *“A imaginação pedagógica como prática interdisciplinar e reflexiva em sala de aula”*, Viviane Palandi, procura elaborar uma reflexão sobre a dinâmica pedagógica CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES realizada em sala de aula na Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, durante a explanação do livro *Interdisciplinaridade: Patologia do Saber*, de Hilton Japiassu, Tal experiência nasceu a partir do reconhecimento do sentimento de vulnerabilidade como um disparador, ora inibidora ora inventiva, e uma vez trazida para a sala desdobramentos criativos se apresentaram como pontes para exercer a prática da interdisciplinaridade. Está, talvez suscite uma epistemologia “antipedagógica”, na base, uma inversão da lógica do pensamento cientificamente produzido pelo ocidente.

Gabriel Hidalgo, autor do capítulo *“A dialética da moda: Reflexões a partir de uma cena de o Diabo veste Prada”* explora a moda como uma forma de expressão cultural e de poder. Ele parte da famosa cena em que Miranda Priestly explica como as escolhas de moda afetam até os que acreditam não serem influenciados por ela. A análise demonstra que a moda é tanto uma arte quanto uma ciência, influenciada por processos históricos, econômicos e sociais. A moda é apresentada como um fenômeno dialético, onde ela reflete mudanças culturais e, ao mesmo tempo, molda comportamentos, destacando a relação entre alta costura e moda pronta para vestir. A moda, então, se torna

moderna, a religiosidade Bantu, corresponde a uma das nações mais representativas do candomblé afrobrasileiro. Na contemporaneidade, existe uma vertente epistemológica e, por extensão, educativa denominada Pedagogia da circularidade, a qual se ancora na cosmovisão fundamentada na referida matriz étnica, cultural e religiosa. A concepção de aprendizagem dos povos tradicionais Bantu está diretamente relacionado com o aprender/conhecer através da relação dialógica com os elementos da natureza, fauna, flora, fogo, terra, água e ar, isto é, com as “bibliotecas naturais”. Nessa perspectiva os corpos estão em constante contato com a natureza. O advento da escravidão moderna afetou a tradição Bantu, sofreu rupturas, pois o sistema escravocrata interferiu, violentamente nesse processo de conhecimento e prática educativa. Para uma leitura mais acurada conferir: FERREIRA, Tássio. “PEDAGOGIA DA CIRCULARIDADE: fundamentos de ensino inspirados no *Unzó ia Kisimbi ria Maza Nzambi*” In.: v. 21 n. 62 (2020): Raça e cultura | Revista Teias | uerj.br

um reflexo das dinâmicas sociais e culturais, expressando identidades, ao mesmo tempo que se adapta às demandas da modernidade e às pressões do mercado.

“*Benzer é uma benção: A prática de benzimento a partir da narrativa de um benzedor*”, das autoras Edicleuza Costa Ribeiro e Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro procura compreender certos aspectos da prática do benzimento através da análise das vivências de um benzedor do município de Barreirinha-Amazonas. Verifica-se as peculiaridades do benzimento como um conhecimento tradicionalmente construído. O caráter religioso da *panema*: a relação do homem em contato com a natureza, cuja desobediência aos preceitos e cuidados necessários quanto à utilização de recursos naturais, ocasionaria o estado da panema ou a malinesa.

Com o capítulo, “*O álbum de fotografia na preservação da memória familiar*”, articulado por Carla Raiane de Souza Rangel, observa-se a utilização do conceito de fotografia, partindo de uma abordagem etnográfica, explorando o álbum fotográfico como um elemento importante para a preservação da memória familiar. Para isso, a autora parte do relato de uma agente social, dona Terezinha. Esta que utiliza a fotografia e o álbum como uma forma de preservação das suas memórias. Percebe-se, portanto, a fotografia como fonte fecunda, profícua à produção de um conhecimento à contrapelo da perspectiva colonial, principalmente, elucidam-se, por um lado, fontes pouco acessadas pelo saber oficial. Ao lado disso, as condições de possibilidade para o acesso às memórias e histórias, muitas das vezes subsumidas pela produção do conhecimento marcado pelo pensamento colonizador.

Olga Maciel Ferreira, ao elaborar o capítulo: “*A Ausência: Desafios de uma construção identitária*” afirma que as palavras que traduzem sua pesquisa, a partir de diálogos, memórias e confissões, depoimentos de sua tia-avó e avó, trata-se de uma tentativa de (re)encontro com a ancestralidade da autora, simultaneamente em que a autora posiciona-se entre elas, as observa-as, enquanto almeja perceber-se nelas, o que não acontece plenamente, já que, conforme a autora, tia-avó, avó e autora são diferentes, em classe, sexualidade, noções de raça, percepções. Olga Maciel Ferreira, conclui, portanto, que a presença de duas mulheres negras que não se enxergam como tal, que apagaram suas identidades em prol de um acolhimento que nunca veio, transformou-se por muitos anos em ausência da *consciência-de-si*, como já enunciado por Frantz Fanon (2020[1952]), gerando empecilhos e apagamentos na construção identitária da geração que se seguiu. Ao ir ao encontro da questão racial a autora deparou-se também com o apagamento de uma espiritualidade ancestral latente, questão que também foi problematizada. Conforme a autora, este

estudo, nasceu, não só, da incessante procura por *pertencimento*, mas também do anseio de valorização das “raízes” negras em uma família marcada pela negação destas. Vê-se, assim, no percurso desta pesquisa, um giro anti-horário, como aqueles das rodas de candomblé, na busca de matrizes africanas, por meio de lembranças fluidas, memórias coletivamente construídas, de mulheres ancestrais negras, matriarcas de uma família manauense, as quais a autora, neta de ambas, problematiza.

Finalizando a coletânea o público leitor pode acessar o capítulo “*Com Ciência dos homens: Por uma reflexividade da masculinidade nas práticas políticas do fazer acadêmico*”, cuja autoria é de Rafael Cesar da Costa Corrêa. Aqui discute-se a relação entre a ciência, o método científico e a masculinidade, propondo uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento acadêmico. O autor argumenta que o método científico, apesar de ser um mecanismo importante para garantir a confiabilidade do discurso científico, é historicamente condicionado por fatores socioculturais que favorecem uma perspectiva eurocêntrica. Ao longo do texto, Corrêa menciona a obra “Hayy ibn Yaqzân” de Ibn Tufayl, destacando que já no século XII existiam investigações sistemáticas que desafiam a ideia de que a ciência moderna é uma exclusividade ocidental. O autor também aborda a violência simbólica presente na academia, que se manifesta na forma de dominação e exclusão de vozes diversas, especialmente de corpos não-brancos e femininos. A partir da obra de Pierre Bourdieu, o texto enfatiza a necessidade de reconhecer as subjetividades que permeiam a produção científica e a importância de uma abordagem reflexiva sobre a masculinidade no contexto acadêmico. Corrêa propõe que a prática acadêmica deve ir além da superficialidade e adotar uma postura crítica que considere a historicidade e as relações de poder que moldam o conhecimento. O autor conclui que a transformação da academia passa pela desconstrução dos privilégios e pela vigilância reflexiva sobre a própria prática docente, enfatizando a importância de se questionar continuamente as dinâmicas de poder que permeiam o ambiente acadêmico.

Eis, então, o resultado de um caminho inicial, realizado por jovens pesquisadoras e pesquisadores. O qual, a propósito, é composto de sete veredas. Não sem sentido, este tem uma relação simbólica com o Orixá Oxóssi, no contexto do Candomblé. Ligação que simboliza a constante busca pelo conhecimento, pela sabedoria. É, portanto, girando no sentido contrário, como uma roda de Candomblé, na perspectiva de refletir sobre o *conhecimento circular como estratégia de uma ciência anticolonial* que a coletânea apresenta-se às pessoas leitoras.

Em suma, aqui, a alteridade impulsiona a análise científica. A outricidade vem à baila, procurando oferecer condições de possibilidades para que temáticas, vozes, subjetividades subsumidas elucidem-se, no bojo de relações de poder quase sempre desiguais, nos contextos das Universidades brasileiras e, por extensão, das Universidades da Amazônia.

Parabéns pela iniciativa das pessoas, articulistas dos capítulos, das pessoas que propuseram-se a organizar esta bela coletânea: Carla Rangel; Edicleuza Ribeiro; Olga Maciel Ferreira e Rafael Cesar.